

4ª QUINZENA – 3º CICLO

Habilidades Essenciais: ((EF69LP44-A) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários; (EF69LP54-B) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.

NOME:

UNIDADE ESCOLAR:

Objeto de conhecimento/conteúdo: Gênero: romance infanto-juvenil: Reconstrução das condições de produção, circulação e recepção/Apreciação e réplica/ Recursos linguísticos e semióticos em textos pertencentes aos gêneros literários.

Romance infantojuvenil

Romance é a forma literária pertencente ao gênero narrativo e que apresenta uma história completa composta por enredo, temporalidade, ambientação e personagens definidos de maneira clara.

É oriundo dos contos épicos e revela ações em conjunto com a distribuição de personagens ao longo da trama. Entre as características marcantes desse gênero está a proximidade com a realidade.

O romance é uma narrativa longa, com personagens variados. A organização é feita em torno da trama, mas a linguagem é variável, seguindo a proposta em que é ambientado. Pode ser fictício ou mesclar a ficção com a realidade.

A obra Dom Quixote, do espanhol Miguel Cervantes, é apontada como precursora do romance moderno.

No Brasil, os principais autores são Machado de Assis, Jorge Amado e Graciliano Ramos. Muitos autores brasileiros se destacam em seus romances voltados para o público infantojuvenil, como por exemplo, Monteiro Lobato, Tatiana Belink, Lygia Bojunga, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Pedro Bandeira e Ziraldo.

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-romance/> Acesso em 09 de set. de 2020. (Adaptado)

A origem do gênero infantojuvenil



Disponível em: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn%3AANd9GcTBXhrLmf4cnU_RPYSxty6z4d43fifZbdpC4g&usqp=CAU Acesso em 09 de set. de 2020.

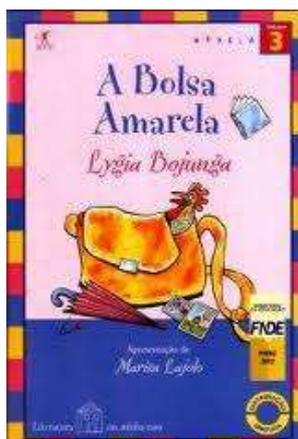
A origem do gênero infantojuvenil começa a se delinear na passagem entre os séculos XVII e XVIII quando a criança passa ser considerada em suas especificidades e suas diferenças em relação aos adultos. A princípio, e durante muitos anos, a literatura se apresenta como conteúdo adulto, deixando de notar a riqueza criativa que habita as experiências da infância.

Ao final do século XVIII, alguns escritores mudam o rumo das histórias infantis e juvenis. A realidade da criança passa a ser retratada considerando a sua simbologia, sua afetividade, sua psicologia e o seu desenvolvimento cognitivo. Tudo isso por meio da linguagem literária, que permite à criança e ao jovem ver o seu universo sendo mimetizado lúdica e artisticamente.

Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantojuvenil/> Acesso em 09 de set. de 2020.

Atividades

Leia o texto abaixo para responder às próximas questões:



Disponível em: https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn%3AANd9GcRySOy4xUkBkblZMdHbnGO_Bd72w3uAf24fmw&usqp=CAU
/Acesso em 09 de set. de 2020.(Adaptado)

A bolsa amarela

(Lygia Bojunga Nunes)

Meu irmão chegou em casa com um embrulhão. Gritou da porta:

-- Pacote da tia Brunilda!

Todo o mundo correu, minha irmã falou:

-- Olha como vem coisa.

Rebentaram o barbante, rasgaram o papel, tudo se espalhou na mesa. Aí foi aquela confusão:

-- O vestido vermelho é meu.

-- Ih, que colar bacana! Vai combinar com meu suéter.

-- Vê se veio alguma camisa do tio Júlio pra mim.

-- Que sapato alinhado, tá com jeito de ser meu número.

Eu fico boba de ver como a tia Brunilda compra roupa. Compra e enjoe. Enjoa tudo: vestido, bolsa, sapato, blusa. Usa três, quatro vezes e pronto: enjoa. Outro dia eu perguntei:

-- Se ela enjoa tão depressa, pra que ela compra tanto? É pra poder enjoar mais.

Ninguém me deu bola. Fiquei pensando no tio Júlio. Meu pai, dia que ele dá um duro danado pra ganhar o dinheirão que ele ganha. Se eu fosse ele, ficava pra morrer de ver a tia Brunilda gastar o dinheiro numas coisas que ela enjoa logo. Mas ele não fica. Eu acho isso tão esquisito” Outra coisa um bocado esquisita é que se ele reclama, ela diz logo: “Vou arranjar um emprego” Aí ele fala: “De jeito nenhum!” E dá mais dinheiro. Para ela comprar mais. E pra continuar enjoando. Vou ver se um dia eu entendo essa jogada.

Não parava de sair coisa do pacote. Minha mãe falou:

-- Que boazinha que é a Brunilda: sabe como a gente vive apertada e cada vez manda mais roupa.

Eu parei de fazer o dever e fiquei espiando. Vi aparecer uma bolsa; todo o mundo pegou, examinou, achou feia e deixou pra lá. Antes, quando chegavam os pacotes da tia Brunilda e não sobrava nada pra mim, eu ficava numa chateação daquelas. E se eu pedia qualquer coisa o pessoal falava logo:

-- Ora, tia Brunilda só manda roupa de gente grande, não serve pra você.

-- É só cortar, diminuir.

-- Não adianta: mesmo diminuindo tudo continua com cara de gente grande.

-- Roupa não tem cara.

-- Tem, sim, senhora.

E nunca fiquei com nada. Num instantinho sumiam com tudo, e **usavam, usavam, usavam**, até pifar. Aí, no dia que a roupa pifava, a gente ajeitava daqui e dali, e a roupa ficava pra mim. Eu não dizia nada. Até que uma vez não resisti e perguntei:

-- Quer dizer que quando a roupa pifa, pifa também a tal cara de roupa de gente grande?

E o pessoal falou que sim, que era isso mesmo. (É por causa dessas coisas que eu queria tanto crescer: gente grande tá sempre achando que criança tá por fora.)

Aí aconteceu uma coisa diferente: de repente sobrou uma coisa pra mim.

- Toma, fica pra você.

Era a bolsa

(...)

